

ARTI CULA ÇÃO

ITINERÁRIOS

HUMANAS

BNCC 

Segundo dados da ONU, a fome atinge mais de 800 milhões de pessoas em todo o mundo, estimando-se que 5 milhões delas no Brasil. Para além das chocantes imagens de seres humanos gravemente desnutridos em áreas conflagradas por guerras e catástrofes, a fome oculta-se no seio de sociedades abastadas, acompanha o cotidiano de trabalhadores das grandes cidades e coexiste com a obesidade como sua outra face. Reconhecer e compreender esse fenômeno é uma missão indispensável a qualquer sociedade que preze a dignidade humana.



Apesar de menor, fome ainda afeta o Brasil, aponta órgão da ONU

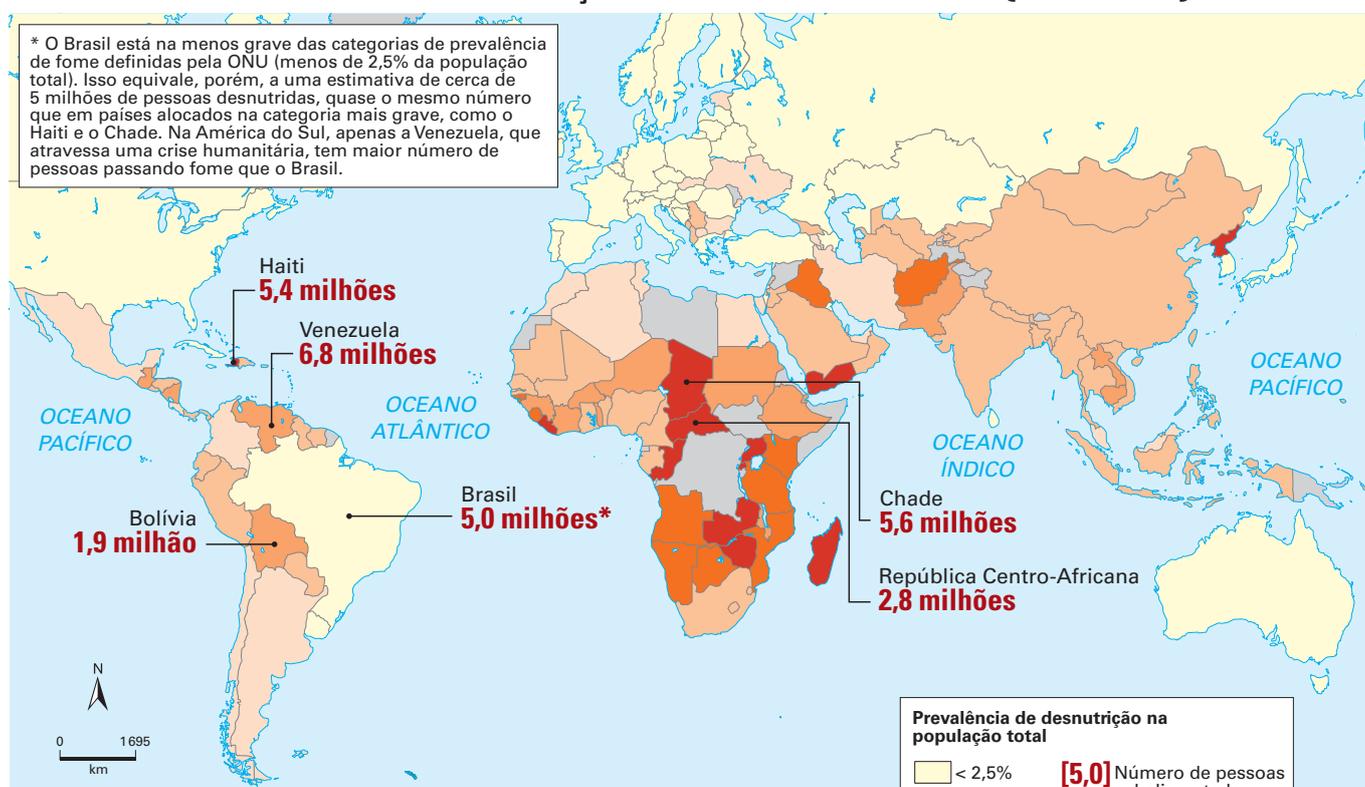
Fábio Zanini

Embora os índices de desnutrição no Brasil tenham melhorado neste século, a parcela de pessoas que passam fome no país ainda é considerável, aponta estudo recém-divulgado pela FAO [Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura].

Em seu relatório anual sobre a fome no mundo, apresentado na última segunda-feira (15), a entidade aponta que a parcela de desnutridos no Brasil caiu de 4,6% da população no período de 2004-2006 para menos de 2,5% entre 2016 e 2018.

Ou seja, mesmo com a queda nos últimos anos, ainda poderia haver algo como 5 milhões de pessoas desnutridas no país, aponta a organização, que é dirigida pelo brasileiro José Graziano.

PREVALÊNCIA DE DESNUTRIÇÃO POR PAÍS SEGUNDO A ONU (2016-2018)



Fonte dos dados: FAO, FIDA, OMS, PMA e UNICEF. **El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo 2019**. Protegerse frente a la desaceleración y el debilitamiento de la economía. Roma, 2019. Disponível em: <<http://www.fao.org/3/ca5162es/ca5162es.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2020. IBGE. População. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 8 jan. 2020.

No relatório, intitulado “O Estado da Segurança Alimentar e da Nutrição no Mundo”, a FAO identifica o Brasil como um dos países em que o combate à fome sofreu as consequências da crise econômica.

A entidade estima que esse ponto de inflexão ocorreu no ano de 2012.

Desde então, o Brasil enfrentou uma das maiores recessões de sua história, e a economia, embora tenha parado de se contrair, não conseguiu engatar uma reação consistente.

O relatório aponta outros dados preocupantes [relativos ao Brasil].

A prevalência de anemia entre mulheres em idade reprodutiva (de 15 a 49 anos) subiu. De acordo com dados do relatório, a parcela era de 25,3% em 2012 e chegou a 27,2% em 2016 (dado mais recente).

Já o índice de bebês que nascem abaixo do peso se manteve estável em 8,4% do total entre 2012 e 2015, de acordo com o estudo da FAO.

Outro ponto negativo da situação alimentar no Brasil, de acordo com o relatório, é o aumento da obesidade entre os maiores de 18 anos. A parcela da população em sobrepeso subiu de 19,9% em 2012 para 22,3% em 2016.

O dado, aparentemente contraditório com o da escassez alimentar, é explicado pelo fato de que comidas ricas em açúcar e gordura, em geral industrializadas, tornaram-se mais acessíveis para a população de baixa renda.

[...]

“Alimentos nutritivos se tornaram relativamente mais caros do que comida rica em gordura, açúcar ou sal em economias emergentes como Brasil, China, México e África do Sul”, afirma o relatório.

Pode parecer paradoxal, mas o acesso a alimentos em quantidade insuficiente e de baixa qualidade nutricional é responsável pela existência tanto da desnutrição quanto da obesidade entre as populações mais pobres.

No Brasil, além de a baixa renda da maior parte da população do país dificultar a obtenção até mesmo dos alimentos considerados mais essenciais, a coexistência de obesidade e desnutrição entre as populações mais pobres é decorrência do acesso a uma variedade muito limitada de alimentos, frequentemente ricos em carboidratos e gorduras, que não suprem os nutrientes necessários ao bom desenvolvimento do organismo.

É muito importante compreender que superar esse paradoxo não se resume a pedir às pessoas que façam melhores escolhas. Para as parcelas menos abastadas da população, a escolha daquilo que será consumido é bastante limitada, e o acesso sistemático a alimentos frescos e variados não é uma realidade.



Doação de alimentos para famílias necessitadas em São José dos Campos (SP). Para muitas famílias, doações realizadas pelo poder público, entidades ou mesmo informalmente, na feira, por exemplo, são uma forma de obter grande parte dos alimentos consumidos no mês.



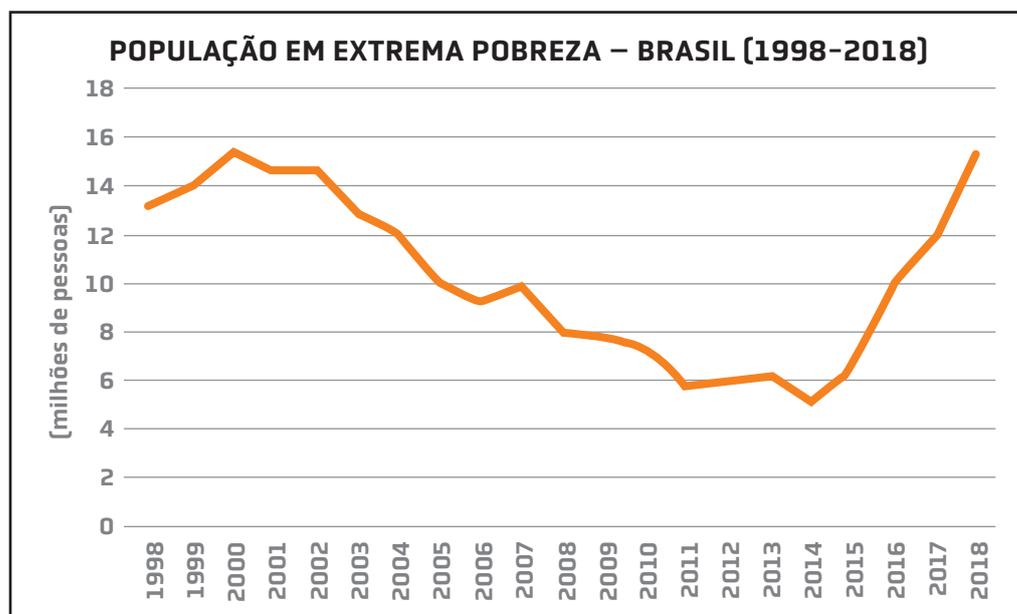
FIQUE ATENTO

Observe que os dados sobre fome e desnutrição muitas vezes variam, o que se explica, entre outras razões, pelos critérios de definição e cálculo empregados. A seção **Diálogo aberto** ajuda a compreender essas variações.

Rodrigo Kiko Afonso, diretor-executivo da Ação da Cidadania, entidade que há 25 anos milita no combate à fome no país, afirma que a falta de dados atualizados por parte do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) torna muito difícil estimar o número de pessoas em situação de insegurança alimentar no Brasil.

[...]

Na estimativa da entidade, o número de pessoas que passam fome historicamente se alinha ao da população em situação de extrema pobreza. De acordo com o dado mais recente do IBGE, divulgado no ano passado, há cerca de 15 milhões de brasileiros nessa condição.



Fonte dos dados: IBGE-PNAD/PNAD contínua.

[...]

De maneira global, diz o relatório, mais de 820 milhões de pessoas passam fome atualmente.

“A fome está crescendo em quase todas as sub-regiões da África e, de maneira menos intensa, na América Latina e Ásia Ocidental [Oriente Médio]”.

Além disso, afirma a FAO, cerca de 2 bilhões de pessoas são afetadas de maneira moderada pela fome atualmente no mundo.

Os dados da organização são coletados a partir de bases de dados nacionais e de entidades como o Banco Mundial.

ZANINI, Fábio. Apesar de menor, fome ainda afeta o Brasil, aponta órgão da ONU. **Folha de S.Paulo**, 20 jul. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/apesar-de-menor-fome-ainda-afeta-o-brasil-aponta-orgao-da-onu.shtml?loggedpaywall>>. Acesso em: 3 jan. 2020.

➤ Sem trabalho e renda, famílias enganam fome com fruta verde e garapa na Bahia

João Pedro Pitombo

Abordagens quantitativas e qualitativas permitem observar o mesmo fenômeno por diferentes ângulos. Embora tratem do mesmo fenômeno, o texto que abre esta edição tem uma abordagem mais analítica de dados quantitativos, enquanto este segundo texto procura apresentar a realidade cotidiana enfrentada por quem vive no limite da fome e da extrema pobreza.

FIQUE ATENTO

A geladeira está encostada na parede da cozinha, mas não funciona. Mesmo se funcionasse, não teria muita serventia: na casa de José Santos Oliveira, 58, há apenas farinha, 300 gramas de arroz cru e pedaços de mamão verde.

[...]

A **Folha** visitou quatro das famílias mais pobres dos povoados mais isolados de um dos municípios de menor índice de desenvolvimento humano do país — em relação ao IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), Tremedal ocupa o 5.408º lugar dentre os 5.570 municípios brasileiros.

[...]

Fincada entre o sudoeste da Bahia e o norte de Minas Gerais, Tremedal possui 17 mil habitantes e uma população em tendência de queda, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A queda é resultado da migração, caminho de muitos pais e mães de família diante da falta de trabalho — apenas 5% da população economicamente ativa da cidade possui um emprego formal. Das quatro famílias ouvidas pela reportagem, três têm filhos que moram e trabalham em São Paulo.

Noilza Maria de Jesus tem 45 anos e dez filhos e mora no povoado de Tapiaconga. Da sede do município até lá são cerca de 50 km em estrada de terra, em um caminho com algumas casas isoladas e outros povoados. A única fonte de renda dela são os R\$ 320 que recebe do Bolsa Família.

Ela mora em uma casa de adobe e cozinha em fogão a lenha a única refeição do dia: arroz e feijão. Na sua geladeira, que também não funciona, há apenas três tomates parcialmente podres, meia abóbora e um pote de maionese.

A falta de trabalho e os rendimentos insuficientes colocam milhões de brasileiros em situação de pobreza extrema e insegurança alimentar, muitas vezes sem ter nada ou quase nada para colocar na panela.



Espalhadas pelas prateleiras, há quatro garrafas PET com chás de folhas colhidas no quintal. Em uma garrafa menor, uma garapa com água e rapadura que Noilza dá para a neta de três anos quando a menina sente fome.

“Olha, moço, eu tenho vergonha, mas vou falar pra vocês. Muitas vezes falta [comida], semana passada mesmo faltou”, afirma Noilza.

Como não conseguiu comprar fiado nos armazéns do povoado, a solução foi colher uma mandioca no quintal e servir uma sopa rala aos filhos.

Pequena, a plantação que tem nos fundos da casa é apenas para subsistência. O solo pedregoso, a seca e a falta de assistência, contudo, fazem que a colheita seja ínfima.

No mesmo povoado, José de Jesus Silva, 56, mora em uma casa simples com sua mulher, Maria Silva, 40. Ambos sobrevivem com R\$ 180 do Bolsa Família.

Ele passou mais de duas décadas entre idas e vindas a São Paulo, mas, como não conseguiu um emprego fixo, acabou retornando à Bahia: “A idade vai ficando mais avançada, ninguém quer dar mais trabalho”, afirma.

Em geral, o cardápio da casa é apenas arroz e feijão. Muito raramente tem condições de comprar um frango ou uma calabresa. Carne, já não lembra a última vez que comeu: “Sempre falta [comida], e aí só Deus mesmo. Tem hora que o negócio é cruel.”

No povoado de Lagoa Preta, a 35 km da sede de Tremedal, Dalva Novaes Viana, 47, serve um prato com farinha e um pequeno pedaço de frango para a filha Marizete, 7.

Com ensino fundamental incompleto e sem nunca ter trabalhado formalmente na vida, ela se separou recentemente do marido que, segundo ela, é alcoólatra e a agredia.

Sem emprego e sem condições físicas de trabalhar no campo – sofre com constantes e fortes dores de cabeça – passou a depender da ajuda dos irmãos para conseguir alimentar a família. Seus dois filhos mais velhos migraram para São Paulo, mas ainda não conseguem mandar dinheiro para lá.



Para muitas famílias brasileiras, a merenda escolar pode ser a única refeição disponível para uma criança em todo o dia.

“A comida aqui é contada. Normalmente é arroz, andu, farinha e às vezes um frango. Carne já faz mais de mês que não como”, afirma Dalva.

[...]

Distante 19 km da família de Dalva, José Santos Oliveira, 58, mostra a panela vazia em cima do fogão a lenha. Sua principal reclamação é a falta de trabalho, qualquer que seja.

[...]

Muitas vezes, conta José, somente a merenda escolar garante a alimentação diária dos filhos. O cardápio na escola, contudo, não é dos mais nutritivos: “Uma hora é sopa, outra é chá com bolacha e às vezes não tem nada”.

A desnutrição se reflete no corpo magro e na baixa estatura dos filhos. No ano passado, um deles chegou a desmaiar na escola por falta de comida.

Ainda faltavam nove dias para o fim do mês e José dizia torcer por alguma ajuda de vizinhos ou da igreja até chegar agosto e a possibilidade de saque do Bolsa Família.

“Fazer o quê? Se não conseguir nada, a gente mistura a farinha com água e come assim mesmo. Roubar é que eu não vou.”

PITOMBO, João Pedro. Sem trabalho e renda, famílias enganam fome com fruta verde e garapa na Bahia. **Folha de S.Paulo**, 29 jul. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/sem-trabalho-e-renda-familias-enganam-fome-com-fruta-verde-e-garapa-na-bahia.shtml>>. Acesso em: 3 jan. 2020.

V Fome: diferentes maneiras de definir e medir esse fenômeno

José Raimundo Sousa Ribeiro Junior

Qualquer pessoa que já tenha visto uma peça de divulgação do trabalho de agências humanitárias pelo mundo provavelmente não duvidaria de que a fome é um flagelo que ainda hoje merece atenção. Apesar do expressivo aumento da produtividade agrícola a partir da segunda metade do século XX, a fome é uma realidade mesmo em países com economias prósperas. A Índia, por exemplo, que de acordo com o Banco Mundial está entre as dez maiores economias do mundo, tem quase 200 milhões de habitantes desnutridos, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU).

No mundo todo, diversos órgãos se dedicam, em diferentes escalas e com objetivos diversos, a tentar compreender o fenômeno da fome. A ONU é um deles: todo ano, a entidade publica um estudo de escala mundial sobre o tema. Em 2019, seu relatório revelou a existência de mais 800 milhões de pessoas desnutridas no planeta, e quase 2 bilhões de seres humanos vivendo em estado de insegurança alimentar moderada ou grave.

Mas insegurança alimentar e desnutrição são a mesma coisa? E ambas são o mesmo que fome? Como se define um nível mais moderado ou mais grave para o fenômeno da fome? E será que esse fenômeno sempre corresponde à imagem que nos ocorre quando pensamos em populações em situação de emergência humanitária? Como, em um mundo de abundância, pode persistir em tão grande escala uma carência tão essencial?

De acordo com a ONU, a Índia é o país com a maior população absoluta subalimentada do mundo: 194,4 milhões de pessoas. Entre 2004–2006 e 2016–2018. No entanto, houve uma redução sensível da fome no país, com o número de desnutridos caindo de 253,9 milhões para a cifra atual.



Da polissemia da palavra à construção do conceito

Quando procuramos compreender o que é a fome, que processos são responsáveis por sua existência e que efeitos ela produz sobre os indivíduos e a sociedade, um primeiro obstáculo que precisamos superar diz respeito aos termos utilizados para nos referirmos a esse fenômeno. Afinal, a clareza da comunicação depende, entre outras coisas, da compreensão do sentido dado às palavras ou aos conceitos. Assim, em primeiro lugar, devemos reconhecer que a palavra “fome” é cotidianamente empregada com sentidos muito diferentes. Em seguida, devemos identificar e distinguir os diferentes conceitos de fome utilizados pelos pesquisadores que se dedicam ao tema.

Reconhecer que a palavra “fome” é polissêmica, ou seja, que existem vários sentidos ou significados para ela, é um bom ponto de partida para iniciar um debate mais aprofundado sobre esse fenômeno. No cotidiano, tal palavra pode ser utilizada em contextos muito diferentes: pode nomear nossa vontade de comer, como quando alguém diz estar sentindo fome próximo ao horário de uma refeição; ou pode designar algo muito diverso, por exemplo, uma ambição ou desejo intenso, como na expressão “fome de poder”. Em geral, essa polissemia não provoca grandes confusões, pois é possível compreender o sentido dado à palavra pelo contexto no qual ela foi utilizada. Ao ouvir que um jogador de futebol tem “fome de gols”, ninguém entenderia que ele está se alimentando mal.

Se deixarmos de lado os usos metafóricos da palavra, podemos admitir que a fome é um fenômeno ligado à falta de alimentos. Porém essa primeira definição é insuficiente, pois não distingue situações concretamente muito diferentes: a sensação de fome que sentimos quando ficamos algumas horas sem comer (e que poderíamos chamar de apetite) é completamente diferente da situação vivida por pessoas que com frequência se alimentam precariamente ou que não se alimentam por vários dias. Portanto, podemos notar que, mesmo na linguagem cotidiana, há uma diferença entre “sentir fome” e “passar fome”.

Temos aqui uma primeira distinção importante. Todos nós já experimentamos a sensação de “sentir fome”, mas o que significa “passar fome”? Depois de quanto tempo sem ingerir alimentos uma pessoa é considerada faminta? Pessoas que ingerem alimentos todos os dias também podem ser consideradas famintas? Em suma, qual a definição de fome e como podemos estimar a quantidade de famintos no Brasil e no mundo?

Não existe uma única resposta para essas perguntas, pois mesmo entre pesquisadores não há consenso sobre o que é fome. Para alguns, a fome é um fenômeno que está restrito a situações gravíssimas, quando as pessoas estão prestes a morrer por conta da falta de alimentos. Para outros, ela está associada a uma dieta deficiente, pobre em nutrientes e em calorias, que não necessariamente leva a óbito. Aqui, já não se trata de um problema relacionado à polissemia da palavra, mas da coexistência de diferentes compreensões desse fenômeno.

Pode parecer estranho não haver uma única definição do que é fome, mas na verdade é exatamente em torno das diferentes formas de definir e mensurar os fenômenos que se dá boa parte do debate científico e da produção de conhecimento. Nesse debate, entram em cena não apenas argumentos de ordem técnica, mas também a visão de mundo dos interlocutores, seu posicionamento ético e político, ou seja, a forma como eles se posicionam diante das questões enfrentadas pela sociedade. Em outras palavras, a ciência não se resume à aplicação de técnicas para decidir o que é verdadeiro ou falso. Ela também é um campo de escolhas e disputas no qual diferentes tendências se confrontam. Assim, se não existe uma única definição do que é a fome, cabe a cada um de nós conhecer as definições já produzidas e nos posicionar diante delas.

Muitas vezes, pensamos na fome como a falta quase completa de alimentos em áreas atingidas por flagelos como a seca ou a guerra, ou em regiões ou países muito pobres. No entanto, ela está mais difundida pela sociedade do que costumamos pensar, e faz parte da vida de pessoas que têm acesso a alimentos, porém de maneira insuficiente. Assista à videoreportagem sobre “fome oculta” e conheça essa realidade enfrentada por famílias da cidade de São Paulo.



<http://ftd.li/qymek9>



<http://ftd.li/h9agd2>

Fome total e fome parcial: uma contribuição de Josué de Castro

Um marco importante na história do pensamento sobre o fenômeno da fome é o trabalho realizado pelo médico e geógrafo brasileiro Josué de Castro (1908–1974), que, em 1946, apresentou em seu livro **Geografia da Fome** um conceito de fome que se tornou referência dentro e fora do ambiente acadêmico. Por meio de seus estudos, Josué de Castro contrariou o senso comum da época, que associava a fome no Brasil à quase total falta de alimentos em áreas sob calamidade.

O trabalho de Josué de Castro foi importante para desconstruir a ideia de que a fome era um problema ligado a situações de calamidade, como a seca no Semiárido brasileiro. Embora diferentes tipos de flagelo possam mesmo criar situações dramáticas de fome, a falta de acesso de alimentos em quantidade e qualidade suficientes para as necessidades humanas vai muito além desses contextos.

No processo de pesquisa que levou à formulação desse conceito, o autor concluiu que, em termos nutricionais, nossa alimentação deve ser ao mesmo tempo suficiente, completa e harmônica. Isto é, precisa fornecer de maneira equilibrada energia (calorias), macronutrientes (carboidratos, gorduras e proteínas) e micronutrientes (minerais e vitaminas) necessários ao nosso metabolismo.

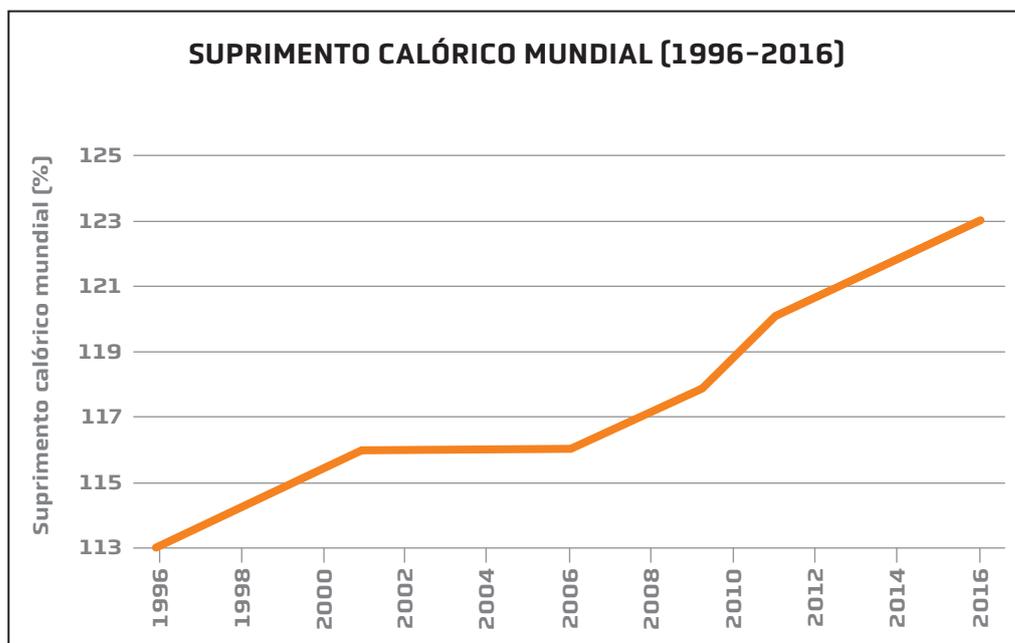
Assim, pessoas submetidas a condições extremas, que passam dias ou mesmo semanas sem se alimentar – portanto não obtêm a energia de que necessitam para sobreviver –, estariam sujeitas ao que ele chamou de **fome total**. Essa situação, próxima do estágio de inanição, leva à morte se não for rapidamente revertida.

Contudo, para Josué de Castro, muito mais frequente e muito grave em suas consequências é a situação “na qual, pela falta permanente de determinados elementos nutritivos, em seus regimes habituais, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias” – uma condição denominada pelo autor de **fome parcial**.

Com base nesses conceitos, Josué de Castro denunciou a existência, à época, de três grandes áreas de fome no território brasileiro: a Amazônia, a Zona da Mata do Nordeste e o Sertão nordestino. Enquanto as duas primeiras seriam caracterizadas pela presença endêmica (constante) da fome parcial, a última sofreria com epidemias de fome total. Assim, seus estudos revelaram que no Brasil o fenômeno da fome não estava restrito aos períodos de secas prolongadas que atingiam o Sertão nordestino, havendo áreas nas quais as pessoas passavam às vezes toda a vida tendo acesso a uma alimentação insuficiente, incompleta e desarmônica. Portanto, vivendo dramaticamente em um permanente estado de fome.

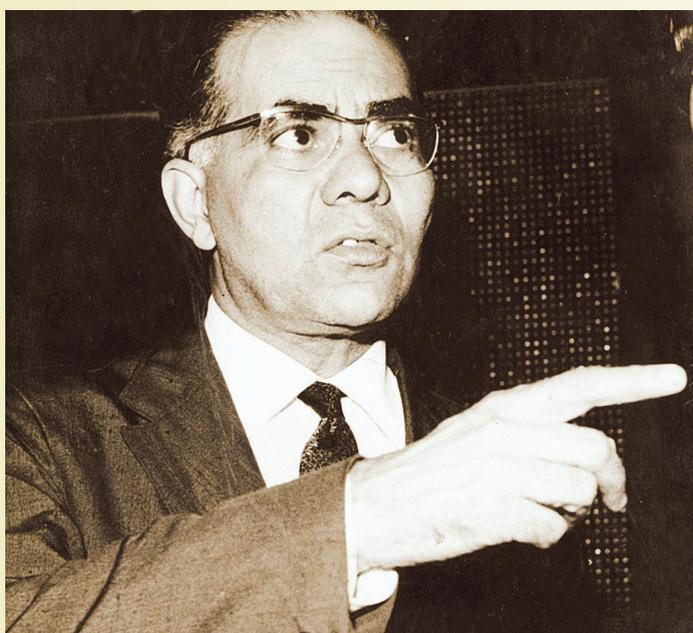


O trabalho de Josué de Castro também foi importante no que diz respeito às concepções relacionadas à possibilidade de superação da fome. O estudioso propôs que a superação da fome passaria pela desconstrução de alguns mitos que naturalizavam sua existência. Assim, o autor se contrapôs, por exemplo, aos argumentos malthusianos que até hoje responsabilizam um exagerado crescimento demográfico pela existência da fome. Para ele a fome não era resultado da produção insuficiente de alimentos, mas de relações socioeconômicas responsáveis por uma profunda desigualdade, a qual impede que uma parcela expressiva da população tenha acesso aos alimentos produzidos.



Em termos de fornecimento energético (calorias), que é um dos critérios utilizados para medir a fome, a produção de alimentos mundial já seria suficiente para alimentar aproximadamente toda a humanidade e mais um quarto. Desde meados do século XX, os dados mostram que a produção de alimentos seria suficiente para erradicar a fome do mundo, o que não ocorre por razões socioeconômicas.

Fonte dos dados: **FAO**. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/explicado/2016/09/02/Mundo-produz-comida-suficiente-mas-fome-ainda-%C3%A9-uma-realidade>>. Acesso em: 24 jan. 2020.



Com seus estudos, Josué de Castro não apenas contribuiu para um entendimento mais aprimorado do fenômeno da fome, mas se contrapôs a interesses econômicos nacionais e internacionais que trabalhavam para dissimular a existência do fenômeno, propondo que o modelo socioeconômico gerador de desigualdade era incapaz de garantir uma alimentação adequada a todos.

Fome total e fome parcial no debate contemporâneo: dos dados antropométricos à experiência da fome

A distinção entre a fome total e a fome parcial permeia até hoje o debate sobre o fenômeno, no Brasil e no mundo. Com os avanços dos conhecimentos sobre a nutrição humana, muitos pesquisadores puderam mostrar os impactos sobre a saúde física e mental de uma alimentação insuficiente (com déficit de calorias) e incompleta (com déficits de minerais e vitaminas). Está demonstrado, por exemplo, que pessoas que convivem com a fome parcial (ou com o receio de que os alimentos venham a faltar em breve) estão mais sujeitas a sofrer com ansiedade e depressão, e que o comprometimento da alimentação nos primeiros anos de vida provoca efeitos irreversíveis sobre o crescimento (estatura) e sobre o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos.

Porém, tanto no senso comum, quanto para uma parcela dos pesquisadores a fome ainda permanece como sinônimo de fome total. É o caso daqueles que ainda entendem como faminta apenas a pessoa que já está muito magra, isto é, que apresenta um peso significativamente abaixo do esperado para a altura. Para quem pensa assim, a forma mais adequada de calcular o número de famintos no mundo é por meio do levantamento de dados antropométricos (peso e altura), estimando-se então a quantidade de pessoas que apresentaram índice de massa corporal (IMC) abaixo do recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Vale dizer que isso significa identificar a existência da fome apenas quando ela já produziu efeitos diretamente mensuráveis sobre a constituição física dos indivíduos.

Atualmente, a forma mais conhecida para se mensurar a fome no mundo é a adotada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Utilizando dados sobre produção e consumo de alimentos em um país, e tomando como base a necessidade de aproximadamente 1 800 kcal diárias por indivíduo, a entidade calcula um indicador denominado “prevalência de desnutrição”, que contabiliza as pessoas cuja alimentação foi, durante pelo menos um ano, insuficiente para fornecer essa quantidade diária de energia. Os resultados obtidos são publicados anualmente em seu relatório **O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo**, e todos os países que apresentam mais de 5% da população nessa condição são incluídos no Mapa da Fome da ONU.





Frequentemente, a fome atinge populações cujas atividades cotidianas estão ligadas ao trabalho braçal, exigindo esforço físico mais elevado do que aquele necessário a um estilo de vida sedentário. Além disso, muitas vezes essas populações estão sujeitas a oscilações na disponibilidade de alimentos, ligadas a períodos de safra e entressafra ou a trabalhos sazonais.

Os dados e os métodos utilizados pela FAO para estimar a dimensão da fome no mundo conquistaram um *status* de medida oficial, tendo o mérito de fazer uma mensuração regular do fenômeno em escala planetária. Mas eles não são imunes a críticas: muitos pesquisadores entendem que esse indicador apresenta ao menos três problemas graves. O primeiro deles é tomar como parâmetro, para definir as necessidades calóricas, um estilo de vida sedentário – que requer um número menor de calorias do que, por exemplo, aquele requerido pelo cotidiano de um camponês ou de um trabalhador braçal. O segundo é adotar como tempo de referência o período de um ano, o que encobre o impacto de episódios mais curtos de fome. E o terceiro é considerar apenas a ingestão de calorias, sem considerar outros dados relativos à qualidade dos alimentos consumidos.

Em linhas gerais, é possível afirmar que tanto o método que utiliza dados antropométricos, quanto o que enfoca a privação de energia tendem a mensurar aquilo que Josué de Castro classificou como fome total. Assim, no início dos anos 1990, pesquisadores estadunidenses preocupados com o aumento da fome no país na década anterior criaram um método de mensuração baseado na percepção das próprias pessoas envolvidas. Esses pesquisadores consideravam os métodos citados anteriormente incapazes de captar o fenômeno da fome nos Estados Unidos, uma vez que a fome total havia sido praticamente erradicada do país, persistindo, no entanto, a fome parcial.

Para captar as experiências que indicam a presença da fome em um domicílio, eles criaram um questionário sobre a frequência com que as pessoas passam por situações como ter de reduzir o tamanho das refeições, ser obrigado a pular refeições ou mesmo ficar um dia inteiro sem comer. Com esses dados, criaram uma escala de insegurança alimentar: quanto mais experiências verificadas em um domicílio, mais grave é a situação de insegurança alimentar. De acordo com esse método, serão considerados domicílios com presença de fome aqueles em situação de insegurança alimentar moderada e grave.

Esse é o principal método capaz de mensurar a fome em grandes populações, de maneira rápida, sem grandes custos, e sem desconsiderar a fome parcial. Empregado desde a década de 1990 pelo governo dos Estados Unidos para monitorar a insegurança alimentar no país, ele foi adotado por outros governos e instituições. Em seu último relatório anual, a FAO passou a incorporar também esse método para produzir alguns dos resultados relatados.

Atualmente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) utiliza esse método para calcular o número de pessoas em situação de insegurança alimentar e fome no Brasil, com a aplicação de um questionário sobre o tema durante a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD). Em sua última aplicação, realizada em 2013, a pesquisa revelou que 52 milhões de brasileiros (25,8% da população) estava em situação de insegurança alimentar, sendo aproximadamente 34,5 milhões (17,1%) em insegurança alimentar leve e 17,5 milhões (8,9%) em insegurança alimentar moderada ou grave.

É importante observar que os diferentes métodos produzem resultados diversos. Esses números obtidos pelo IBGE são bem maiores do que aqueles obtidos pelo método empregado pela FAO, que indicou que a proporção de brasileiros com fome em 2014 era menor do que 5% (o que retirou o Brasil do Mapa da Fome). A existência de números oficiais tão discrepantes causa muita confusão entre aqueles que não reconhecem as diferenças nas formas de se definir e mensurar o fenômeno. Recorrendo uma vez mais aos conceitos de Josué de Castro, podemos dizer que a FAO constatou naquele ano que o Brasil caminhava para erradicar a fome total, enquanto os dados do IBGE indicavam que uma parcela expressiva da população brasileira sofria com a fome parcial.

A fome ainda é um drama a ser superado

A coexistência de diferentes formas de definir e mensurar a fome revela que esse é um fenômeno complexo, mas isso não significa que devemos aceitar de maneira acrítica ou passiva todas as posições que se manifestam no debate. Definições mais precisas, que dão visibilidade às pessoas impedidas de se alimentar adequadamente, nos ajudam não apenas a compreender melhor esse fenômeno, como permitem a criação de métodos de mensuração que possibilitam o monitoramento da fome e a organização de ações e políticas dedicadas a combatê-la.

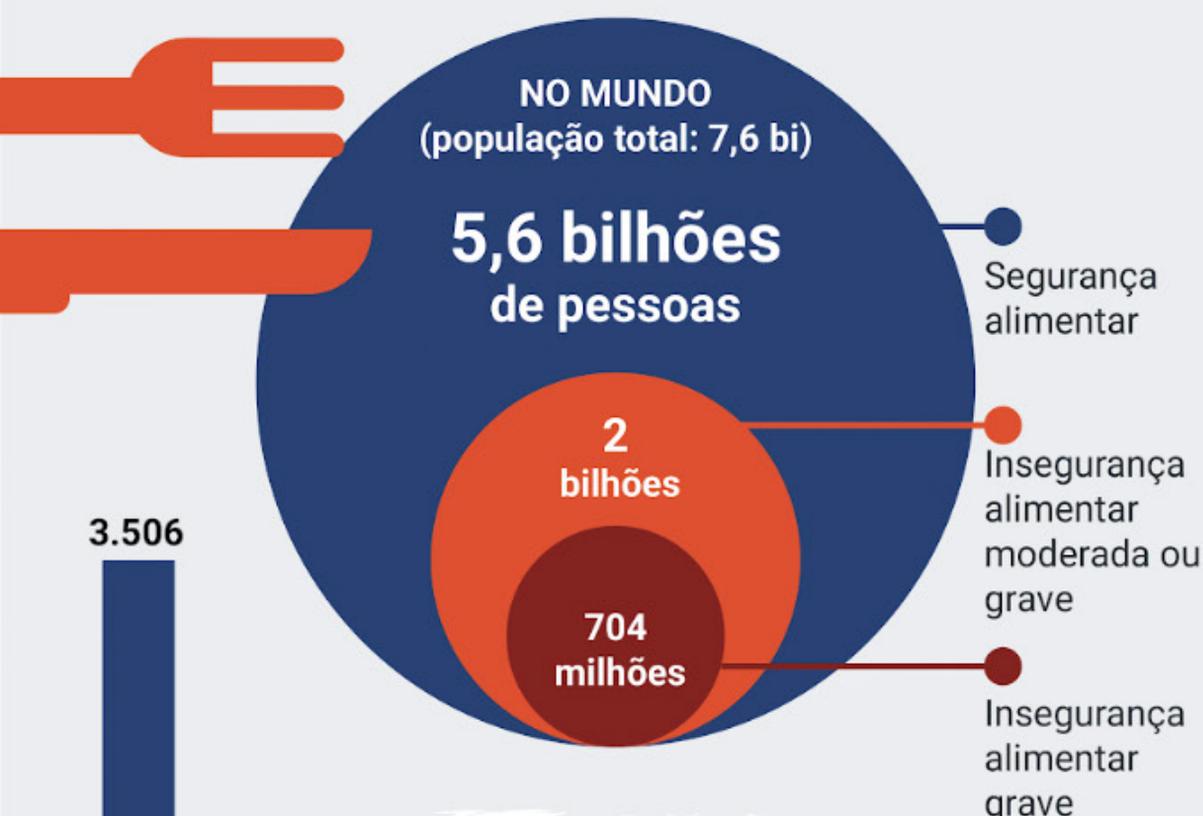
Ao fim da análise, fica claro que, em meio a terminologias variadas – como fome, desnutrição, insegurança alimentar – e a diferentes abordagens e métodos de cálculo, existe hoje no Brasil e ao redor do mundo um contingente significativo de pessoas que enfrentam dificuldades para obter a mínima alimentação necessária para sua sobrevivência e sua dignidade. Em um mundo que produz alimentos suficientes para todos, essa constatação nos coloca diante de um importante dilema humanitário.



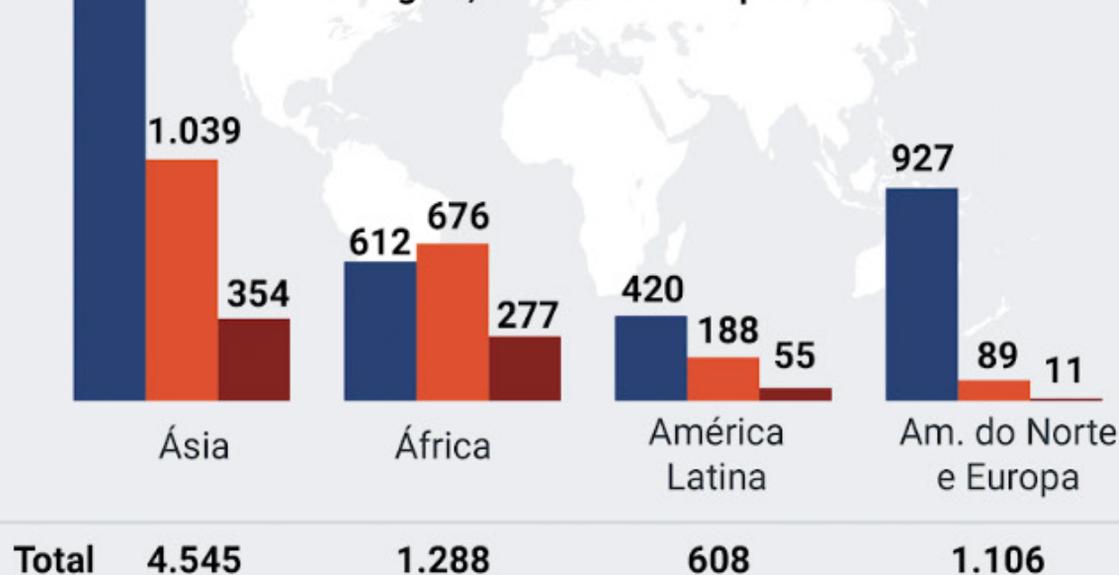
◀ **José Raimundo Sousa Ribeiro Junior** é professor visitante do Instituto Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Mestre e doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Desenvolveu pesquisas sobre a fome na cidade de São Paulo, indicando a relação entre o processo de urbanização e as dificuldades encontradas pelas pessoas para se alimentar adequadamente. Atualmente, seu trabalho tem se voltado para as de políticas públicas em alimentação e nutrição, e sua mais recente pesquisa trata da importância da alimentação escolar no combate à insegurança alimentar e à fome.

FOME LONGE DO ZERO

Uma em cada 4 pessoas do mundo tem algum nível de insegurança alimentar



Por região, em milhões de pessoas



Níveis de gravidade



Segurança alimentar

Acesso suficiente aos alimentos, tanto em termos de quantidade como de qualidade



Insegurança alimentar moderada ou grave

Pessoas que enfrentam incertezas sobre a capacidade de obter alimentos e são obrigadas a aceitar menor quantidade ou qualidade de alimentos



Insegurança alimentar grave

Pessoas que costumam ficar sem alimentos e, em alguns casos, passam 1 dia ou vários sem comer

Indicadores 2.1.2 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU: a prevalência da insegurança alimentar moderada ou grave na população

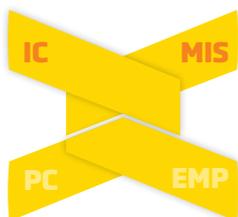
Fonte: O Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2019 – ONU

E no Brasil?



5,2 milhões de brasileiros passaram 1 dia ou mais sem consumir alimentos em 2017. Isso corresponde a menos de **2,5%** da população, mesma taxa do levantamento anterior.

Fonte: O Estado da Segurança Alimentar e Nutrição no Mundo 2019 – ONU



- > **Investigação Científica**
- > **Mediação e intervenção sociocultural**

> A insegurança alimentar em diferentes recortes da população brasileira

Assim como outros problemas sociais, a insegurança alimentar e a fome não se distribuem de forma homogênea nem no interior da sociedade, nem no território que ela ocupa. Diferenças de renda, local do domicílio (rural ou urbano), gênero e raça afetam a qualidade da alimentação das pessoas.

Para compreendermos melhor como esse problema ocorre na sociedade brasileira, podemos recorrer aos dados disponibilizados pelo IBGE. Após a formação de pequenos grupos de trabalho, propõe-se a realização de procedimentos de análise e interpretação desses dados, seguidos da divulgação dos resultados obtidos. Sugerem-se algumas etapas para viabilizar o trabalho:

- Acesse e leia a seção do *site* do IBGE que apresenta o suplemento sobre Segurança Alimentar, que integra a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (disponível em: <<https://ftd.li/ivhzo9>>).
- Após a leitura da apresentação, baixe o arquivo contendo as tabelas com os dados da pesquisa (no item “Tabelas” do menu). O arquivo traz uma série de tabelas que podem ser exploradas, mas para esta atividade utilizaremos apenas as tabelas “1.1.1 — População residente, por situação de segurança alimentar existente no domicílio e tipo de insegurança alimentar, segundo o sexo e os grupos de idade, a cor ou a raça, a situação do domicílio e as classes de rendimento mensal domiciliar *per capita* — Brasil — 2013” e “1.1.2. — Distribuição da população residente, por situação de segurança alimentar existente no domicílio e tipo de insegurança alimentar, segundo o sexo e os grupos de idade, a cor ou raça, a situação do domicílio e as classes de rendimento mensal domiciliar *per capita* — Brasil — 2013”.
- A análise das tabelas pode ser feita coletivamente, procurando compreender cada dado e discutindo os entendimentos e interpretações de cada um. É importante observar que as tabelas apresentam dados sobre uma mesma realidade, porém, uma traz números absolutos, enquanto a outra oferece números relativos (percentuais).
- É útil fazer um registro dos entendimentos e interpretações do grupo, apontando os elementos que parecem mais importantes ou que mais chamaram a atenção.
- Após essa primeira análise das tabelas, é o momento de iniciar o trabalho de sistematização das interpretações, por meio de materiais gráficos e textos. Para isso, cada grupo pode se concentrar em explorar a relação entre segurança alimentar e um dos recortes abaixo:
 - a) faixa etária;
 - b) gênero (homens e mulheres);
 - c) cor ou raça;
 - d) situação do domicílio (rural ou urbano);
 - e) classes de rendimento domiciliar *per capita*.
- Sugere-se a cada grupo que produza cartazes com gráficos, imagens (que podem ser pesquisadas na internet, em materiais impressos ou mesmo produzidas pelos estudantes) e pequenos textos que auxiliem o público a entender seu conteúdo. O conjunto dos cartazes pode compor uma exposição temática na escola, e toda a comunidade escolar pode ser convidada a visitar.



A atividade proposta estimula o desenvolvimento de habilidades importantes de pesquisa e sistematização de dados, além de permitir ao leitor reflexões ainda mais amplas e aprofundadas sobre o assunto tratado ao longo da edição.

Ao explorar os dados relativos à segurança alimentar de acordo com diferentes recortes populacionais, ficam explicitadas as diferenças de condições de vida dos diferentes estratos da população brasileira. Isso pode instigar outras reflexões e pesquisas, a fim de compreender as causas que estão na origem dessas diferenças.

O envolvimento com o tema pode ainda levar a outras produções além daquelas sugeridas pela proposta. Assim, além da produção do painel com os resultados da pesquisa, é possível organizar debates ou apresentações orais sobre a pesquisa para alunos e outros membros da comunidade escolar. É possível ainda que o trabalho sugerido desperte o interesse em conhecer ou ajudar a elaborar ações na comunidade voltadas ao combate à insegurança alimentar nas escalas possíveis.

Na BNCC:

- EMIFCG02
- EMIFCG07
- EMIFCHSA01
- EMIFCHSA03
- EMIFCHSA07

Conteúdos abordados:

- A fome como questão social
- O conceito de fome: fome total e fome parcial
- Josué de Castro e a geografia da fome
- A mensuração da fome: dados antropométricos e percepção de insegurança alimentar
- Fome e insegurança alimentar: estado da insegurança alimentar no Brasil e no mundo

Da informação à reflexão: dados e fontes em Ciências Humanas

Neste ciclo 2020, **Articulação Itinerários CHSA** aborda temas que se relacionam à utilização de fontes e dados nas Ciências Humanas, explorando as formas e a importância da coleta e da produção de dados e informações para a apreensão de fenômenos sociais, a construção de conceitos, a definição de políticas públicas e o avanço da ciência.

ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

HUMANAS

MARÇO | 2020 EDIÇÃO Nº 3



Diretor de conteúdo e negócios

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto

Cayube Galas

Gerente editorial

Júlio Ibrahim

Gerente de produção e design

Letícia Mendes de Souza

Editora

Cláudia Pedro Winterstein

Editora assistente

Carolina Massuia de Paula

Colaboradora

Renata Alves Sampaio

Coordenador de eficiência e analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão

Adriana Soares de Souza

Preparação e revisão

Equipe FTD

Coordenadora de imagem e texto

Márcia Berne

Pesquisa

Equipe FTD

Coordenadora de criação

Daniela Máximo

Supervisor de produção e arte

Fabiano dos Santos Mariano

Projeto gráfico

Bruno Atilli

Editora de arte

Adriana Maria Nery de Souza

Créditos das imagens:

p.1. StanislauV/Shutterstock.com; p.2. Allmaps; p.3. Lucas Lacaz Ruiz/Futura Press; p.4. StanislauV/Shutterstock.com; p.5. Andre Nery/Shutterstock.com; p.6. Eduardo Zappia/Pulsar Imagens; p.7. REUTERS; p.9. Joa Souza/Shutterstock.com; p.10. Folhapress; p.11. panitanphoto/Shutterstock.com; p.12. Josemar Franco/Shutterstock.com; p.13. Acervo pessoal; p.14. jornal digital Poder360